

## A EXPRESSÃO FACIAL É PARTE INTEGRANTE DA LÍNGUA DE SINAIS – LIBRAS COMO L2

**Dr. Cayley Guimarães**  
**B.Sc. Rodrigo Costa Pereira**  
**B.Sc. Marília Goldschmidt Labes**  
**Dra. Sueli F. Fernandes**

Universidade Tecnológica Federal do Paraná

**RESUMO:** A Língua de Sinais é fundamental para as pessoas Surdas se comunicarem, criar cultura, gerar conhecimentos e exercer cidadania. A Língua Brasileira de Sinais – Libras – é um sistema linguístico completo, de modalidade visual-espacial, com especificidades que são desafios para o ensino e aprendizagem como L2. Dentre estas especificidades temos a Expressão Facial como parte integrante do léxico, gramática, sintaxe e semântica. A construção de sentidos na Libras decorre de processos simbólicos visuais, nos quais a Expressão Facial assume centralidade, de forma diferenciada das expressões adotadas

por falantes da língua oral. Isto requer que os encaminhamentos educacionais sejam adequados. Esta pesquisa propõe uma metodologia na forma de jogo, com ênfase na Expressão Facial. Os procedimentos metodológicos propostos envolvem o estabelecimento do contexto e tema da situação comunicacional, a apresentação/enunciação do sinal em Libras conforme proposto, seguido de atividades de fixação de aprendizagem. Como resultados, destacamos a importância da valorização da gramática da Libras como estratégia pedagógica adequada ao ensino da Expressão Facial da Libras.

**PALAVRAS-CHAVE:** Língua de Sinais; Parâmetros da Libras; Libras como L2.

## THE FACIAL EXPRESSION IS AN INTEGRAL PART OF SIGN LANGUAGE – LIBRAS AS L2

**ABSTRACT:** Sign Language is fundamental for Deaf communication, culture and citizenship. The Brazilian Sign Language – Libras – is a complete linguistic system, of visual-spatial modality, with specificities that present a challenge for teaching and learning as L2. Libras uses Facial Expression in its grammar for meaning attribution, which occurs from visual symbolic processes where facial expression acquires a central role, and differs from those used in the oral language. This requires adequate educational practices for the

acquisition of Libras as L2. This research proposes a methodology for teaching and learning of Libras in the form of a game with focus on Facial Expression. The proposed methodology comprises the context, the theme of the communicational situation, the presentation of the sign in Libras along with learning fixation activities. Validation shows the importance of valuing the grammar of Libras as a pedagogical strategy that is adequate to teaching and learning Facial Expression in Libras.

**KEYWORDS:** Sign Language; Libras parameters; Libras as L2.



## 1 INTRODUÇÃO

Em nosso cotidiano, é comum usamos a língua oral, o Português, para nossas interações e comunicações, que incluem construções sociais, criação de identidade, ações de cultura e exercício de cidadania. A língua, portanto, é parte precípua do conforto que a sociedade oferece a seus membros; e pressupõe o desenvolvimento integral do ser humano em suas potencialidades. A falta do uso de uma língua socialmente compartilhada exclui comunidades inteiras. Referimo-nos aqui a uma grande parte de nossa população que compõe a Comunidade de Surdos - pessoas que usam a Libras (Língua Brasileira de Sinais) como primeira língua, e que têm pouco ou nenhum acesso à língua oral. Ao falarmos desta exclusão, lembramos dos anos de luta da Comunidade de Surdos pelos seus direitos, incluindo o direito de se expressar em sua língua natural, a Libras. A Libras serve aos seus usuários em suas necessidades linguísticas complexas; em seu desenvolvimento intelectual, cultural e de identidade, por exemplo (FERNANDES, 2012).

A Libras é um sistema linguístico completo, que permitem uma produção de inúmeras mensagens sobre temas diversos; é uma língua criativa, viva; é adequada para as funções comunicativas, sociais e cognitivas; são capazes de expressar pensamentos complexos e abstratos (QUADROS, 1997). A centralidade da língua e seus significados é base fundamental para o entendimento de si, a consciência e o pensamento superior complexo (VYGOTSKY, 1983). Para Vygotsky (1993), o significado de uma palavra é tanto um fenômeno da fala quanto do pensamento, sendo, portanto, indispensável nos processos de interação e cognição.

Os Surdos, em sua maioria, têm dificuldades de se comunicar em Português, o que acarreta graves barreiras e exclusões (por exemplo, os Surdos têm dificuldades de acesso a serviços públicos tais como hospitais, escolas,



repartições públicas, entre outras, devido ao desconhecimento da Libras pelos não-Surdos. Esta exclusão é detrimental para o pleno exercício da cidadania pelo Surdo. Cidadania pode ser entendida como o acesso a direitos sociais, econômicos e Políticos. Ainda que o ensino da Libras esteja ocorrendo em passos lentos e em locais dispersos, não se deve mais esperar que a inclusão do Surdo se faça somente por meio da língua oral majoritária, que lhe é inacessível - um chamado claro para metodologias de ensino e aprendizagem da Libras pelos não-Surdos (SKLIAR, 1999), para que sejam criados espaços de interlocução em Libras.

A Libras é a Língua de Sinais oficial do Brasil (Lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000): este status legal é uma condição necessária, pois propicia uma arena de direito em que a Comunidade de Surdos atua para a conquista de espaços de inclusão; mas, porém, não é suficiente, uma vez que ainda são poucos os não-Surdos falantes de Libras. A chamada “lei da Libras” é um passo de cidadania para os Surdos, mas exige uma sensibilização da sociedade para a criação de interlocução efetiva. A inclusão da Libras no sistema educacional do país é mais um passo rumo à inclusão, considerando aspectos de convivência, integração, resolução de conflitos entre outros (LEMOS e CHAVES, 2012).

Lemos e Chaves (2012: 2286) constatarem que mesmo após a aprovação da lei “[...] ainda se reflete a ausência da Libras nos espaços públicos [...]”, o que acarreta em “desrespeito ao estatuto da Libras”: os autores concluem que as disciplinas de Libras pouco ensinam de Libras. Martins (2008) também aponta para o enfrentamento político pelo qual o ensino da Libras passou em seus inícios. A maioria destes desrespeitos e preconceitos remontam ao processo histórico de opressão do povo Surdo e da proibição de sua língua natural, a Libras - considerada inferior, deficiente, incapaz de expressar sentimentos e pensamentos complexos, abstratos (SOUZA e SILVA, 2015). No entanto, as lutas por reconhecimento culminaram na aceitação, se não ainda efetiva, primeiro no âmbito legal - o que fornece uma arena de encontros onde a Libras deve ser respeitada. Para tanto, é necessário que os não-Surdos aprendam a Libras.



Diante dos direitos alcançados pelas lutas da Comunidade de Surdos por um lado, e pelos preconceitos em relação à Libras por outro lado, decorrentes de processos históricos arraigados, perguntamo-nos: como o ensino e a aprendizagem da Libras deve se dar neste novo espaço de convivência de respeito mútuo? Quais as barreiras? Elas estão sendo vencidas? Como? De que maneira ensinar uma língua de modalidade visual-espacial, com suas especificidades para um não-Surdo? Este artigo trata destas questões ao propor um encaminhamento de construção de práticas de ensino da Libras como L2 para não-Surdos, considerando um de seus parâmetros: as expressões faciais.

## 2 ESPECIFICIDADES DA LIBRAS

O ensino de uma segunda língua vem à posteriori a uma primeira língua. Mais do que dizer o óbvio, queremos apontar as dificuldades enfrentadas por professores e aprendizes da Libras (GONÇALVES e RIBEIRO, 2012). Para os falantes do Português, uma língua oral, a Libras lhes parece algo estranho e inacessível: não há uma gramática reconhecível, as configurações de mão não são naturais, os Surdos fazem muitas “caretas”. Consideradas estas barreiras que são percebidas pelo aprendiz da Libras como L2, temos que o encaminhamento das práticas de ensino e aprendizagem pressupõe processos que extrapolam a simples transmissão de conhecimentos, em direção a uma vivência de aquisição efetiva da Libras. Pedagogicamente, deve-se pensar como a Libras será tornada acessível aos não-Surdos (QUADROS, 1997). Trata-se, portanto, de um processo de aquisição, e não mera transposição de habilidades - o que inclui valores e entendimentos.

Ora, o que se observa é que a Libras possui características próprias que requerem metodologias adequadas de ensino e aprendizagem como L2. O desafio de promover o ensino da Libras em diversos campos do conhecimento é premente, e requer abordagens inovadoras (SOUZA e PORROZZI, 2009). Rossi (2010) nos



lembra que os sinais da Libras representam ideias; e desde Stokoe (1960) sabemos que os sinais das Línguas de Sinais são compostos por parâmetros tais como: configuração de mão, locação, orientação da palma da mão, expressão não-manual e movimentos. As expressões não-manuais correspondem a movimentos de tronco, ombros, boca, sobrancelha etc. Como exemplo destes usos, temos as expressões faciais, por meio das quais podemos demonstrar nossos sentimentos e emoções de maneira semelhante na língua oral. Contudo, na Libras temos um uso diverso que Surdos e não-Surdos fazem das linguagens não verbais. Por exemplo, as expressões faciais na Libras podem ser gramaticais, relacionadas à estrutura, morfologia (por exemplo, elas marcam grau de intensidade, tamanho) e sintaxe (negação, interrogação, ênfase). As expressões faciais podem ser também usadas para expressar sentimentos (alegria, angustia, ansiedade, sofrimento).

Temos, então, que os movimentos da cabeça, as sobrancelhas, o franzir de testa podem indicar uma negação; similarmente, usam-se expressões faciais para grupos de interrogações; o olhar pode representar um sujeito ou objeto, ou estabelecer uma concordância; a expressão facial pode coordenar o fluxo da conversa (STUMPF, 2005). Gesser (2010) alerta para a dificuldade do aprendiz não-Surdo em compreender a diferença do uso das expressões faciais na Libras. Vemos na Figura 1 uma sinalização do termo SOL, em que a expressão facial (olhos semicerrados, face franzida) indica o impacto que o sol tem na visão:



Figura 1 - SOL. A expressão facial denota o dano que o sol traz à visão.



Se a questão da aprendizagem continua objeto ativo de estudos e reflexões no campo da aquisição da Libras como L2 por aprendizes não-Surdos, podemos imaginar os desafios complexos das discussões em torno da aquisição, ensino e aprendizagem das expressões faciais da Libras. Apesar do ensino da Libras como L2 ser uma temática recorrente, e de diversas experiências serem relatadas em decorrências das políticas de ensino e aprendizagem de Letramento em Libras no sistema educacional do país, os níveis de aprendizagem e desenvolvimento continuam inferiores ao esperado (FERNANDES, 2012). A aprendizagem ocorre quando faz sentido em um ambiente de uso que apresente um contexto e forma que possa produzir a criação coletiva de sentido nas práticas comunicacionais que eventualmente serão simbólicas. Pode-se pensar que o letramento seja um processo de desenvolvimento, de usos e de significados de práticas sociais de sinalização da Libras em um comportamento social valorizado.

### 3 O ENSINO DA LIBRAS COMO L2

No contexto pedagógico, as reflexões englobam as especificidades do processo de entendimento do valor da Expressão Facial: por fazerem parte do repertório humano, usadas também pelos não-Surdos para expressar emoções, observa-se uma grande dificuldade de entendimento do real valor gramatical das expressões faciais na Libras pelos aprendizes. Estes aprendizes em geral acham os parâmetros da Libras inacessíveis, e que as expressões faciais são “feias” e parecem “caretas”, trazendo preconceitos - sobretudo por desconsiderarem a Libras como língua de valorização da Cultura Surda (LACERDA, CAPORALI e LODI, 2004; ROSSI, 2010). Adicione fatores outros como medo de exposição, atitudes em relação ao valor da nova língua, esforço cognitivo percebido entre outros, e temos um quadro complexo que deve ser devidamente abordado com metodologias que auxiliem o aprendiz a superar estas dificuldades.



São importantes os estudos sobre as especificidades do letramento em L2 que propõem considerar o domínio das relações culturais e comunicacionais para o acesso desejado. Entende-se que a questão seja direta: valorizar a Libras como língua de cultura como simbolismo mediador na aprendizagem, a partir de encaminhamentos metodológicos correspondentes, em situações reais de uso. Segundo Lacerda, Caporali e Lodi (2004) estes preconceitos e desconhecimentos do valor da Libras afeta negativamente a aprendizagem, uma vez que as metodologias carecem de atitudes e motivações que levem ao ato comunicacional de entendimento cultural dos interlocutores através do próprio esforço no processo real de comunicação. As autoras preconizam que os aprendizes façam parte de um ambiente que use a língua a ser aprendida de forma orgânica (não mecanizada).

Richards e Rodgers (2014) destacam o carácter lúdico e divertido, em um ambiente que desperta o interesse, promove engajamento e autonomia, em que não haja percepção de esforço e/ou fracasso; em que se tenha um senso de criatividade, pertencimento e participação nas atividades comunicacionais das aulas. O autor também destaca o papel dos desafios que requeiram habilidade. Estes aspectos de aprendizagem de L2 devem ser incorporados em um processo de letramento, ou seja, de valorização do significado sobre a forma em situações de uso e interação. Desta forma, propõe-se o uso de jogo, com a temática de emoções (em que a incidência de expressões faciais são maiores), com objetivo de tornar os aprendizes mais conscientes de seu uso de expressões faciais e como este uso age como elemento mediador da comunicação. Assim, ao participar de uma ação lúdica, despida do caráter de obrigatoriedade e revestida de realidade, o aprendiz percebe seus próprios mecanismos de criação de significados; o processo se dá por meio de interações que são dinâmicas que envolvem todos os aprendizes e professores (GOMEZ, 1999).



## 3.1 O Lúdico

O processo de ensino e aprendizagem requer a compreensão das interações sociais dos indivíduos entre si e com seus professores. Santana e Queiros (2010) dizem que ao promover o riso, pode-se criar um ambiente mais adequado.

Lacerda, Caporali e Lodi (2004) alertam que o uso de jogos ajuda a quebrar inibições, mas devem vir acompanhados de uma postura receptiva e comunicacional por meio de professores e aprendizes. As atividades em torno do jogo devem indicar um contexto de valorização da Libras. Por sua vez, Krashen e Terrell (1983) advogam abordagens naturais, a partir das quais a aquisição da língua ocorre quando os aprendizes recebem informações compreensíveis. Entendemos que a proposta de jogos de fixação de aprendizagem de sentimentos segue esta abordagem natural. Richard-Amato (1988) liga teoria e prática nas instruções de ensino e aprendizagem de L2, convidando o professor a preparar lições que promovam oportunidades de interação significativa entre os aprendizes, considerando o ambiente comunicacional, incluindo o uso de jogos e atividades afetivas.

Do ponto de vista dos suportes informacionais que veiculam as expressões faciais no ensino de Libras, há uma carência e precariedade de artefatos. Justifica-se, deste modo, a criação de um jogo que contempla sinais em Libras enfatizando este parâmetro como necessário à construção de sinais que façam sentido no contexto proposto, por se tratar de um recurso inovador como processo intermediário na aquisição correta da Libras pelos não- Surdos. O jogo, usado em contexto, possibilita o estabelecimento de novas relações de significação e novas formas de participação e engajamento mental para complementar e aperfeiçoar o processo de ensino e aprendizagem. A seguir apresentamos uma proposta de jogo para enfatizar junto ao aprendiz o valor das expressões faciais na Libras.



## 3.2 Brincando e aprendendo Libras

Vygotsky (1993) nos lembra que o processo de internacionalização de uma língua demanda operações mentais em um processo semiótico. Este processo de significação deve prover uma motivação material (visual, sonora, tátil, etc.) para que a língua possa ser percebida, mediada pelo grupo social e significada pelo aprendiz. Esta semiose não deve ser limitada a uma visão reduzida das capacidades humanas chamadas à ação apenas pela língua oral como base para o ensino e a aprendizagem de uma L2. Semiose é o processo semiótico pelo qual se deriva significados. Para tanto, a metodologia de fixação e aprendizagem de um dos parâmetros da Libras, a expressão facial, consistiu em um jogo de “completar sinais”. Os sinais utilizados foram recortados do texto “O Patinho Surdo”, adaptação do conto de Hans Christian Andersen. A proposta consistiu de um conjunto de sentimentos e sensações representados em cartas, contendo sinais em Libras incompletos, ou seja, fornecendo apenas a Expressão Facial e a configuração de mão e em alguns casos, uma simples sugestão de movimentos, conforme vemos na Figura 2:



Figura 2 - Carta do jogo apresentando a expressão facial, a configuração de mão e uma dica de movimento para FELICIDADE.

A Figura 2 nos mostra o sentimento a ser transmitido pelo interlocutor, contendo o sentimento em Português, a expressão facial, a configuração de mão e



uma leve pista de movimento. Inicialmente, ao selecionar a carta, o interlocutor assume apenas a expressão facial do sentimento a ser transmitido e a configuração de mão. De forma complementar, em um segundo momento, o professor pode fazer o sinal sem a Expressão Facial, para evidenciar a dificuldade de entendimento causado pela falta da expressão facial na enunciação. Vemos na Figura 3 a representação feita pelo professor do sinal FELICIDADE conforme indicado pela carta:



Figura 3 - O professor representando o sinal FELICIDADE conforme indicado na carta do jogo: apenas a expressão facial e a configuração de mão.

Os aprendizes devem então “completar o sinal”, ou seja, enunciar o sentimento em Libras de forma correta, com todos os parâmetros. A pista do movimento é para ser usada em caso de dificuldades de se lembrar do sinal. Vemos na Figura 4 uma composição exemplificando as demais cartas, contendo somente o sentimento em Português, as expressões faciais e configuração de mão de sentimentos e sensações. As cartas foram criadas por designers do grupo de pesquisa, baseadas em sinalizações feitas por professores Surdos da disciplina de Libras na universidade para o ensino do conto “O Patinho Surdo”. Os mesmos professores Surdos validaram as cartas posteriormente.



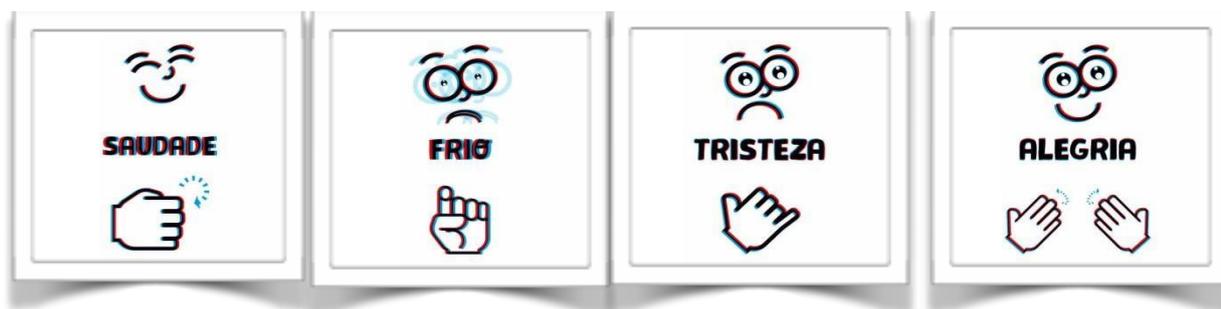


Figura 4 - Exemplos de cartas do jogo, contendo os sentimentos e a sensação de frio, expressão facial e configuração de mão e uma pequena pista de movimento.

Vemos na Figura 4 algumas das cartas do jogo, para os sentimentos: SAUDADE, TRISTEZA E ALEGRIA e a sensação de FRIO. No total, o jogo contém 20 sentimentos e sensações presentes no texto, portanto, já de conhecimento dos aprendizes. Estas cartas são usadas pelo interlocutor que vai simular a enunciação do sentimento, para que os demais aprendizes possam “completar o sinal” em Libras, como se fosse um jogo de “adivinhação”. O jogo inicia com o professor fazendo o primeiro sentimento (Figura 2). Neste momento os aprendizes são incentivados a completar o sinal em Libras. O jogo avança com a passagem das cartas para o primeiro que “completou o sinal”. Este aprendiz é então solicitado a formular uma frase baseada no contexto, a saber, algo possivelmente retirado do texto estudado, “Patinho Feio”, de Rosa e Karnopp (2005). Nesta hora, todos os aprendizes são convidados a formarem a frase.

## 4 METODOLOGIA DE VALIDAÇÃO

Conforme visto, o simples uso de jogos não é suficiente para superar as dificuldades do ensino da Libras. É necessária uma prática motivadora, contextualizada e que leve em conta o aspecto comunicacional da língua. Professores e aprendizes trazem experiências de vida, posturas, hábitos e valores que devem ser considerados na construção do processo de ensino/aprendizagem. Dito isto, O tema escolhido para o jogo foi sentimentos em Libras. Neste sentido, a presente a validação se deu em dois momentos: uma pesquisa de campo com



10 voluntários, Professores Surdos de Libras da rede estadual de ensino do Paraná, presentes em um encontro estadual de atualização, e com 10 alunos não-Surdos de uma turma do curso de Design cursando a disciplina de Libras em uma universidade federal de uma grande capital do país. Os participantes estudaram uma versão do texto “O Patinho Surdo”. O livro de Rosa e Karnopp (2005) é uma adaptação do conto de Hans Christian Andersen, parte do acervo cultural mundial. Há vídeos disponíveis na Internet em Libras contendo versões desta história. Este texto serviu como base para o exercício de fixação e aprendizagem da valorização da expressão facial ao enunciar sentimentos, promovendo o contexto de onde os aprendizes poderiam tirar subsídios para construção de significados e enunciações. O texto é uma unidade linguística de significados que resulta na interação entre o leitor e o texto. O termo vem do latim TEXTUM e pode ser entendido como tecido entrelaçado, sendo o texto um signo complexo que mobiliza operações cognitivas na construção de significados. O texto pode ser constituído por uma miríade de formas, tamanhos, gêneros etc. Para efeitos desta pesquisa, a escolha do livro O uso do texto “Patinho Surdo” foi escolhido para cumprir um papel importante de fazer a transição entre uma história mundial, conhecida, e uma adaptação que faz uma conexão desta história com a Cultura Surda. A dinâmica foi a mesma em ambas validações:

- A) Os voluntários aprendizes já haviam lido o livro que iria servir de base para a contextualização dos sentimentos;
- B) Os voluntários aprendizes concordaram em participar do jogo, momento no qual as regras de funcionamento e éticas foram discutidas;
- C) O jogo se iniciou com o pesquisador do grupo selecionando uma carta ao acaso, e reproduzindo o seu conteúdo (expressão facial e configuração de mão);
- D) Os voluntários aprendizes iniciaram o jogo de “completar o sinal”;
- E) Ao ser primeiro a “completar” o sinal, o voluntário aprendiz é convidado a recontar, em Libras, um momento do livro em que o sentimento em questão pudesse ser aplicado se possível, ou um outro enunciado de sua escolha;



F) Este primeiro voluntário aprendiz deu andamento ao jogo, selecionando mais uma carta, correspondente a um sentimento diferente;

G) O jogo seguiu até que todas as cartas tivessem sido usadas.

Uma variação da dinâmica foi, em um segundo momento, a apresentação dos parâmetros sem a Expressão Facial. Esta segunda rodada evidenciou as consequências da falta do uso da Expressão Facial na construção de sentido do sinal enunciado. Ao final do jogo, o grupo foi convidado a opinar sobre a dinâmica do jogo.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A primeira observação importante que se deu durante o jogo ocorreu logo na primeira carta, no jogo realizado durante a validação com os professores Surdos: embora fluentes na língua, e altamente sensíveis ao uso das expressões faciais, eles ofereceram dois sinais possíveis para a primeira carta: FRIO. A maioria dos professores Surdos começou achando que a enunciação proposta seria do sinal DIFÍCIL. Ambos têm a expressão facial e a configuração de mão parecidas, embora a locação e os movimentos fossem diferentes. De uma maneira mais sutil, ao se enunciar FRIO, usa-se uma expressão não-manual adicional - o encolhimento dos ombros. Esta diferença foi apontada como importante para diferenciar os sinais. Isto reforçou para os professores a necessidade de enfatizar estas expressões para o ensino de Libras como L2.

Adicionalmente, evidenciou-se a importância dos demais parâmetros para a criação de sentido adequada ao sinal. Sem a expressão facial, o sinal fica desprovido da sua força enunciativa. A locação também - a mão colocada em posição neutra abriu possibilidades de variações - a mesma poderia ser no queixo ou na testa, gerando sinais distintos.



Veja na Figura 5 as representações de FRIO (com os ombros encolhidos) e de DIFÍCIL:



Figura 5 - Representação de FRIO (ombros encolhidos) e DIFÍCIL.

Conforme vemos na figura 5, FRIO e DIFÍCIL são sinais com características semelhantes, mas com marcações de expressões bem distintas; bem como outras expressões não-manuais, e locações específicas. Estas sutilezas são difíceis de serem percebidas pelo aprendiz de Libras como L2. O jogo proposto levantou a discussão da importância do uso correto de todos os parâmetros de um sinal, valorizando o uso das expressões na Libras, e a importância dos professores criarem oportunidades de entendimento e aquisição de todos os parâmetros da Libras.

Outra observação importante ocorreu durante a fase D apresentada acima, em que os aprendizes tentavam “completar” o sinal proposto: nesta fase, de uma maneira geral, houve uma participação espontânea dos aprendizes - todos tentando “adivinhar” qual seria o sentimento; observou-se também que os colegas aproximavam o enunciado baseado em dicas dos demais colegas - ou seja, houve uma criação coletiva do enunciado, embora não de forma intencional por parte dos aprendizes (uma vez que eles estavam “competindo” entre si). Constata-se que o uso do jogo cria oportunidades de participação dos aprendizes, mesmo aqueles mais acanhados e avessos a exposição por medo de errar.



Durante a fase E, os aprendizes ajudavam o primeiro colega a “completar” o sinal e a criar um enunciado contendo o sentimento ou sensação apresentado na carta. Muitas das vezes, estas frases se referiam ao livro sugerido - o que indica que o texto cumpria um papel de apoio, mas talvez limitante, ao fazer com que se reproduzisse apenas o que já se conhecia, sem a criação de conhecimentos novos. Observou-se, porém, que, à medida que o jogo avançava, os aprendizes criavam frases mais livres do texto, mostrando uma certa autonomia e independência na criação de conhecimentos.

Após o jogo, nos comentários coletivos, os participantes que eram alunos da disciplina indicaram a importância do jogo para o entendimento do papel que as expressões desempenham na Libras. Os participantes professores Surdos perceberam as dificuldades de se ensinar efetivamente o parâmetro expressão facial, e a necessidade de se criar oportunidades para que seus aprendizes pudessem concluir pela relevância deste parâmetro - ao invés de apontar o erro e mostrar o correto (prática esta que muitos consideraram ineficiente).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Línguas de Sinais, como a Libras, são necessárias para o desenvolvimento intelectual, cultural e para o exercício de cidadania por parte de seus falantes, as pessoas Surdas. No entanto, inseridos em uma sociedade em que a Língua Oral é majoritária, como o Português, os Surdos precisam encontrar interlocutores em seus processos comunicacionais cotidianos. Estes encontros culturais e comunicacionais se dão na medida que os não-Surdos aprendem a Libras.

Contudo, o ensino e a aprendizagem de uma segunda língua não se dá sem esforços, sobretudo considerando-se as diferenças da língua oral quando comparada com as línguas sinalizadas. Uma das maiores diferenças recaem no fato que a Libras é uma língua de modalidade visual-espacial, o que faz com que seus aspectos linguísticos sejam diferentes, com parâmetros outros que não o



som, tais como a configuração de mão, a locação, as expressões não manuais (expressões faciais) e movimento, entre outros. Estas diferenças podem representar barreiras para o aprendiz não-Surdo, por este desconsiderar o uso gramatical das expressões faciais, por exemplo.

Suprindo a lacuna existente no que se refere a materiais e processos de ensino e aprendizagem da Libras como L2, esta pesquisa baseou-se na ênfase da expressão facial tornada explícita em um jogo que convidasse os aprendizes a participarem da construção de significados de maneira lúdica, coletiva, motivadora. Os resultados preliminares obtidos mostram a potencialidade da proposta. Entendemos que esta pesquisa contribui para o avanço do ensino e da aprendizagem da Libras como L2 ao inovar a maneira como a significação da expressão facial se dá junto aos aprendizes.

Vislumbra-se uma série de futuras investigações, tais como um redesign das cartas propostas; o uso de uma outra temática; a combinação variada dos diversos paramentos entre outros objetos de estudo.



## 7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FERNANDES, S. **Educação de Surdos**. Curitiba: IBPEX. 2012.
- GESSER, A. **Metodologia de Ensino em Libras como L2**. Florianópolis: UFSC. 2010.
- GOMEZ, P. C. **A motivação no processo ensino/aprendizagem de idioma**. *Trabalhos em Linguística Aplicada*. Campinas, v. 34, pp 53-77. 1999.
- GONÇALVES, A. G., RIBEIRO, M. C., **Sobre o ensino de língua Portuguesa e de Libras na escola inclusiva: a perspectiva dos alunos surdos envolvidos**. *Educere et Educare Revista de Educação*. v.7, n.14, 69-82. 2012.
- KRASHEN, S.D., TERRELL, T. D., **The natural approach: language acquisition in the classroom**. San Francisco: The Alemanha Press. 1983.
- LACERDA, C. B. F., CAPORALI, S.A., LODI, A. C. **Questões preliminares sobre o ensino de língua de sinais a ouvintes: reflexões sobre a prática**. *Distúrbios da Comunicação*, São Paulo, 16(1): 53-63, 2004.
- LEMONS, A. M., CHAVES, E. P., **A disciplina de Libras no ensino superior: da proposição à prática de ensino como segunda língua**. *XVI ENDIPE*. UNICAMP. Campinas. 2012.
- MARTINS, V. R. O. **Análise das vantagens e desvantagens da Libras como disciplina curricular no ensino superior**. *Cadernos do CEOM*. Ano 21, n.28 - Memória, História e Educação. 2008.
- QUADROS, R. M. **Educação de Surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.
- RICHARD-AMATO, P. A. **Making it Happen: Interaction in the Second Language Classroom, from Theory to Practice**. White Plains: Longman Inc. 1988.
- RICHARD, J. C., RODGERS, T. S. **Approaches and Methods in Language Teaching**. 3a ed. 2014.
- ROSSI, R. A. **A Libras como disciplina no ensino superior**. *Revista de Educação*. v. 13, n. 15, 71-85. 2010.
- ROSA, F., KARNOPP, L. B. **Patinho Surdo**. Porto Alegre: Editora a ULBRA. 2005.



SANTANA, M. A., QUEIROS, C. C. **O riso na sala de aula e suas implicações no processo ensino-aprendizagem.** *Educere et Educare Revista de Educação.* v.5, n.10. 2010.

SKLIAR, C. (org.) **Atualidade da educação bilíngue para Surdos.** Porto Alegre: Mediação. 1999.

SOUZA, I. V., SILVA, M. C. **Saberes pertinentes para uma prática inclusiva: a língua Brasileira de Sinais e o professor em formação.** *Educere et Educare Revista de Educação.* v.10, n.20, 821- 835. 2015.

SOUZA, M. T., PORROZZI, R. **Ensino de Libras para os Profissionais de Saúde: Uma Necessidade Premente.** *Revista Práxis,* ano 1, n. 2, 2009.

STOKOE, W. C. **Sign Language Structure.** Silver Springs, Co: Linstok Press, 1960.

STUMPF, M. R. **Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema SignWriting.** Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2005.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes. 1984.

Recebido em: 02/12/2017  
Aprovado em: 22/05/2018

